

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

CAROLINE XAVIER ALMEIDA

**O PROCESSO DE TRANSIÇÃO ENTRE CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
RELATO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR**

Maceió - AL

2024

CAROLINE XAVIER ALMEIDA

**O PROCESSO DE TRANSIÇÃO ENTRE CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
RELATO DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr^a. Angelina Nunes de Vasconcelos

Maceió - AL

2024

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência de estágio obrigatório em Psicologia Escolar Educacional que teve como objetivo discutir possibilidades de atuação do psicólogo escolar no contexto educacional brasileiro, com foco na transição entre os ciclos da Educação Básica, especificamente entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. O trabalho busca explorar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante essa transição escolar e discutir como a psicologia pode contribuir para um processo educacional mais inclusivo e humanizado, enfatizando o papel do psicólogo na promoção do bem-estar socioemocional dos alunos.

Palavras-chave: transição escolar; ensino fundamental; psicologia escolar; adaptação acadêmica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO	8
3. PSICOLOGIA ESCOLAR E BNCC	10
4. METODOLOGIA	12
5. TRANSIÇÃO ENTRE CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	13
6. RELATO DE ESTÁGIO	15
7. RESULTADOS E DESAFIOS	16
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	21

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir possibilidades de atuação do psicólogo escolar no contexto educacional brasileiro, com foco na transição entre os ciclos da Educação Básica, especificamente entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. O trabalho busca explorar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante essa transição escolar e discutir como a psicologia pode contribuir para um processo educacional mais inclusivo e humanizado, enfatizando o papel do psicólogo na promoção do bem-estar socioemocional dos alunos. Para tanto, explora relato de estágio em psicologia escolar vivenciado por uma estudante do curso ao longo do nono e décimo período de formação.

O Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia da UFAL em consonância com as Diretrizes Curriculares, divide a formação em seis eixos: Fundamentos Epistemológicos e Teóricos, Fenômenos e Processos Psicológicos, Fundamentos Teórico-Methodológicos, Procedimentos para Investigação Científica e a Prática Profissional, Interfaces com Campos Afins de Conhecimento e Práticas Profissionais. Estando o estágio curricular obrigatório inserido neste último eixo mencionado.

Segunda a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o estágio é

o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante. O estágio integra o itinerário formativo do educando e faz parte do projeto pedagógico do curso.

Assim, o estágio obrigatório é um pré-requisito no projeto pedagógico do curso para a aprovação e obtenção do diploma (§1º do art. 2º da Lei nº 11.78/2008).

O estágio obrigatório do curso de psicologia da Ufal, se situa no eixo de práticas profissionais do Projeto Político Pedagógico e deve ser articulado com uma das duas ênfases: Psicologia e Saúde e Psicologia e Processos Socioculturais. Realizados durante o 9º e 10º períodos, têm carga horária total de 600 horas, divididas em dois períodos de 300 horas cada. Essas 300h devem ser divididas em 20h ou 30h semanais, a depender do cenário e da proposta do/a docente supervisor/a.

Os estágios têm como objetivo desenvolver algumas competências, habilidades, atitudes e conhecimentos. Alguns deles são: atuar juntamente com indivíduos, grupos e comunidades elaborando diagnósticos, estratégias de intervenção eficazes, a avaliação e a produção de conhecimentos da Psicologia, atuar preventivamente nos contextos e práticas educacionais e vivenciar a experiência profissional em psicologia de forma efetiva.

A psicologia escolar e educacional, uma das áreas de atuação da psicologia, tem como objetivo promover melhorias no processo de ensino-aprendizagem contribuindo para a formação integral do educando a partir de uma atuação multidisciplinar com todos os atores envolvidos no processo educacional. Entretanto, no início da psicologia escolar no Brasil, evidenciou-se o caráter clínico e terapêutico das intervenções realizadas (BARBOSA & MARINHO-ARAÚJO, 2010) com foco em identificar e diagnosticar questões relacionadas ao desenvolvimento e à aprendizagem, por meio de instrumentos psicológicos que medissem a capacidade dos alunos, separando os considerados aptos dos não aptos para a aprendizagem (PATTO, 1990). Expondo assim, a influência de uma perspectiva clínica médica e da avaliação psicológica por meio da avaliação da prontidão escolar, da organização de classes para alunos com dificuldades de aprendizagem, dos diagnósticos e dos encaminhamentos para serviços especializados (CAMPOS; JUCÁ, 2006; GUZZO, 2001 *apud* BARBOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Com isso, a atuação do psicólogo na educação, especialmente no contexto da comunidade escolar, ainda é frequentemente associada a uma perspectiva patologizante, centrada na adaptação do aluno ao sistema. Essa abordagem tende a privilegiar intervenções voltadas para o psicodiagnóstico ou atendimentos individualizados, tratando o estudante, em muitos casos, como o "aluno problema". Segundo Branco (*apud* GUZZO e cols., 2010), "ao responder a esse tipo de demanda, o psicólogo se compromete com a reprodução das relações instituídas e funciona como legitimador da desumanização do homem, quando seu trabalho reproduz ou mantém a exclusão".

A partir da década de 1980, esse cenário começou a mudar no Brasil, impulsionado por um movimento de reflexão e crítica sobre as relações entre a Psicologia e a Educação. Nesse contexto, passou-se a valorizar não apenas o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento, mas também a necessidade de os profissionais da psicologia compreenderem o processo educacional em sua complexidade, considerando a interação dinâmica entre professores e alunos (VIANA, 2016).

Hoje, o psicólogo escolar tem novas possibilidades de atuação, centradas na promoção da aprendizagem, no desenvolvimento dos estudantes e na intervenção institucional. Essa nova abordagem busca atuar preventivamente, focando em grupos e na melhoria das práticas educacionais e institucionais como um todo. O psicólogo pode contribuir, por exemplo, com o desenvolvimento de programas de intervenção para facilitar a inclusão, melhorar o clima escolar e mediar conflitos. As transições entre os ciclos educacionais são uma das demandas que exigem essa atuação institucional mais ampla, já que essas fases envolvem mudanças

significativas que podem afetar o desempenho acadêmico e o bem-estar dos alunos. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância de uma educação integral, contemplando não apenas os conteúdos, mas também o desenvolvimento socioemocional, o que amplia ainda mais o campo de atuação da psicologia escolar em prol de um ambiente educacional mais inclusivo e eficiente.

Os ciclos da Educação Básica no Brasil são divididos em pelo menos três grandes transições: a transição da educação infantil para o ensino fundamental 1, a transição do 5º para o 6º ano (anos iniciais-anos finais) do ensino fundamental e, por último, a passagem dos anos finais do fundamental 2 para o ensino médio. Segundo Couto (2017), nessa etapa ocorrem muitas reprovações e é crucial considerar que “diversos fatores se articulam simultaneamente formando um complexo contexto que pode influenciar ou não na sua ocorrência”.

Isso ocorre devido às significativas mudanças que acontecem simultaneamente nesse contexto. Entre elas, destaca-se a transição na estrutura curricular, com a introdução de mais disciplinas ministradas por professores especializados, em contraste com os anos iniciais, onde geralmente um único professor era responsável por toda a turma. Além disso, há uma maior diversificação das áreas de conhecimento e uma redução no tempo de duração das aulas. Essa passagem da unidocência para a pluridocência é a maior dificuldade enfrentada pelo estudante na transição (ANDRADE, 2011; ESTEVES, 2014; FRANCISCO JÚNIOR, 2014; SANTOS, 2016b *apud* REIS; NOGUEIRA, 2021, p. 4).

A atuação do psicólogo escolar no contexto educacional brasileiro, especialmente nas transições entre os ciclos da Educação Básica, revela-se fundamental para promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acolhedor. Através de uma abordagem preventiva e institucional, o psicólogo pode atuar em parceria com a escola, famílias e comunidades, auxiliando no desenvolvimento integral dos alunos e no enfrentamento dos desafios impostos pelas mudanças educacionais. Ao integrar o bem-estar socioemocional e as diretrizes da BNCC, o psicólogo tem a oportunidade de contribuir significativamente para a construção de um sistema educacional mais equitativo e humanizado, que considera as complexidades de cada etapa escolar e favorece o sucesso acadêmico e pessoal dos estudantes. Para contribuir com essa discussão, este trabalho desenvolve um relato de estágio que teve como objetivo explorar essa problemática, discutindo a transição entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e as possibilidades de atuação do psicólogo escolar nesse processo.

2. PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

No período de 1930 a 1960 a ciência psicológica se consolidou no Brasil ligada às tendências psicométricas, experimental e tecnicista (MARINHO-ARAÚJO, 2010). O desenvolvimento da Psicologia no Brasil é também o desenvolvimento da Psicologia da Educação e suas contribuições para as práticas pedagógicas aqui desenvolvidas (MEDEIROS *et al*, 2020).

Assim, consolida-se a Psicologia Escolar como uma modalidade de atuação profissional que, a partir dos conhecimentos produzidos pela Psicologia da Educação, elege a escola e as relações que nela se estabelecem, como campo de ação (ANTUNES, 2008). Nesse sentido, a Psicologia passou a integrar, mais frequentemente, como prática profissional nas escolas (MARINHO-ARAÚJO, 2010). No entanto, a atuação do psicólogo escolar acaba por se limitar a resolução de situações-problemas, pautada em uma lógica individualizada e em testes psicodiagnósticos, desconsiderando os processos educativos e dimensões históricas, social, política e pedagógica (MEDEIROS *et al*, 2020).

Segundo Guzzo e cols. (2010, p. 133) “esse modelo de atuação e o corpo de conhecimento de então contribuíram para a segregação de crianças em salas especiais e classificação de aptos e não aptos para o desenvolvimento nos espaços educativos”. Como é apontado também por Marinho-Araújo (2010, p. 19)

As teorias psicológicas de então, referendadas no ideário liberal e positivista para a produção de conhecimentos, refletiam dicotomias conceituais, concepções individualizadas e individualizantes nas explicações do ser humano, validando posições ideológicas vinculadas a práticas de discriminação, dominação e exclusão educacional e social.

A partir da década de 1970, surgiram críticas ao modelo clínico tradicional de atuação da Psicologia Escolar (MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 19). Em resposta, a Psicologia Escolar passou a expandir suas perspectivas de atuação, acompanhando as transformações no papel social da escola. Cabe ressaltar que, de acordo com Antunes (2008), é importante estabelecer a diferença entre Psicologia Educacional e Psicologia Escolar, que define a primeira como uma área de conhecimento da psicologia que produz saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo e organiza de forma sistemática. Enquanto a

segunda refere-se ao campo de atuação profissional, ou seja, o processo de escolarização, tendo por objeto a escola e as relações que aí se estabelecem.

As críticas desencadearam mudanças na atuação profissional do psicólogo (ALMEIDA, 2002) que passaram a pensar mais criticamente a realidade educacional. Essa abordagem de perspectiva crítica para os problemas escolares, direciona o olhar para as injustiças e problemas do próprio sistema educacional e da sociedade (SILVA; JUNIOR, 2020). A partir daí, surgem novas possibilidades de ação para a psicologia escolar.

As possibilidades de atuação do(a) psicólogo(a) escolar são diversas, pois perpassa todas as instâncias da instituição. Segundo Martinez (2010, p. 40)

As possibilidades de atuação do psicólogo na instituição escolar constituem, ainda, um tema de reflexão e de debate entre esses próprios profissionais, especialmente entre aqueles interessados em contribuir para o melhoramento da qualidade do processo educativo.

No entanto, a expectativa de intervenção do psicólogo escolar ainda está muito associada ao diagnóstico e ao atendimento individualizado de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e de comportamento.

Martinez (2010) classifica as formas de atuação em “tradicionais” e “emergentes”, em que as primeiras estão associadas à dimensão psicoeducativa do contexto escolar e a segunda voltada à dimensão psicossocial. O psicólogo escolar tem um papel ativo no sentido de problematizar a realidade e criar estratégias de intervenção integradas e colaborativas (VEBBER, 2013).

A psicologia escolar crítica vem em busca de entender e intervir nas dinâmicas escolares de maneira a promover a equidade e o desenvolvimento integral dos alunos, abordando questões como a influência do contexto social, cultural e econômico na aprendizagem e no comportamento dos estudantes. Questiona as práticas educacionais tradicionais e os currículos que podem perpetuar a exclusão e a desigualdade, propondo alternativas mais inclusivas e representativas e promove a participação ativa de alunos, pais e professores no processo educativo.

Contudo, a Psicologia Escolar enfrenta desafios como a resistência a mudanças nas práticas educacionais e a dificuldade de integração nas escolas, buscando garantir que sua atuação não seja distorcida (EVANGELISTA; AMARAL, 2017). Outro desafio relevante está relacionado à formação profissional, que ainda é majoritariamente direcionada à perspectiva

clínica e à saúde mental (EVANGELISTA; AMARAL, 2017). Para superar essas barreiras, é fundamental que a Psicologia Escolar amplie sua dimensão educativa e fortaleça sua presença em diferentes contextos educacionais.

3. PSICOLOGIA ESCOLAR E BNCC

A escola é um reflexo da sociedade e uma instituição muito importante para a socialização, transmissão da cultura e dos saberes historicamente construídos, mediando a relação da criança com o mundo. Nesse sentido, a escola deve se preocupar, não apenas com o desenvolvimento intelectual dos/as estudantes, mas também com o bem estar e a formação de vínculos sociais respeitosos e de qualidade. Além de oferecer educação formal, o ambiente escolar tem compromisso com o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças e adolescentes.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BNCC, 2018).

A BNCC define dez competências gerais que devem ser asseguradas ao longo da Educação Básica, articulando na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores. Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana (BNCC, 2018). Dentro dessas dez competências gerais, estão presentes as competências socioemocionais em diferentes objetivos de desenvolvimento e aprendizagem que devem ser contempladas pelos currículos em todas as etapas da educação (BRASIL, 2021). As competências socioemocionais são descritas nas competências a seguir:

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(BRASIL, 2018, p.10)

As habilidades socioemocionais estão intrinsecamente ligadas às dez competências gerais, sendo elas autoconhecimento, autorregulação, habilidades relacionais, consciência social e tomada de decisões responsáveis. Sendo imprescindível que educadores pautem suas práticas pedagógicas em busca do desenvolvimento dessas competências socioemocionais, favorecendo o desenvolvimento integral dos estudantes e contribuindo para uma aprendizagem que vai além do domínio acadêmico (BRASIL, 2021).

A promoção de habilidades socioemocionais é essencial durante o processo escolar, pois favorece a comunicação, a assertividade, a tolerância, entre outras competências, que são fundamentais para o amadurecimento psíquico do indivíduo (ROSAS, 2024). Sendo assim, a formação de competências socioemocionais foi instituída como objetivo da educação básica pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

A integralidade do sujeito envolve aspectos do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo (ROSAS, 2024). Portanto, promover as habilidades socioemocionais no ambiente escolar é de grande necessidade para a aprendizagem e bem-estar dos sujeitos. Como destaca Rosas (2024, p. 18)

Elas estão relacionadas à melhora no desempenho escolar, ao desenvolvimento e aprendizagem global do indivíduo, sua saúde mental e emocional, e a construção de interações sociais saudáveis. O desenvolvimento dessas habilidades mostra-se intimamente relacionado ao bem-estar e ao enfrentamento de dificuldades.

O desenvolvimento dessas habilidades é feita principalmente pelos professores, com isso é importante que o professor tenha uma formação continuada através de profissionais que conheçam mais profundamente o campo das habilidades socioemocionais como psicólogos(as) e psicopedagogos(as) (OLIVEIRA; MUSZKAT, 2021), para lidar com conflitos e estimular comportamentos mais adequados dos alunos. Além disso, de acordo com Guzzo e cols (2010), cabe ao psicólogo escolar

A função de contribuir, junto com educadores, para a promoção da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças, a partir de uma perspectiva mais integral do

sujeito do que vem enfatizando a escola. Ou seja, além do desenvolvimento cognitivo, deve-se promover o desenvolvimento emocional, social e motor por meio de intervenção com as crianças, suas famílias e comunidade.

Além do professor, o psicólogo escolar pode realizar intervenções na promoção das habilidades socioemocionais com foco no desenvolvimento humano e integral do ser e nas relações interpessoais, favorecendo o desenvolvimento emocional e social, alinhando suas práticas às diretrizes da BNCC.

Com a BNCC destacando a importância da educação integral, os psicólogos têm a oportunidade de desenvolver programas de prevenção e intervenção que promovam o bem-estar mental, abordando temas como bullying, ansiedade e dificuldades de aprendizagem. Além disso, podem contribuir para a formação continuada dos educadores, oferecendo seminários e treinamentos sobre saúde mental e desenvolvimento infantil. A BNCC estabelece um marco orientador para a atuação do psicólogo, promovendo uma colaboração mais efetiva entre a psicologia e a educação, com foco no desenvolvimento integral dos estudantes.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho foi elaborado a partir de um relato de estágio obrigatório em Psicologia Escolar realizado em uma escola municipal de Maceió/AL, com o objetivo de discutir possibilidades de atuação do psicólogo escolar no contexto educacional brasileiro. As ações do estágio tiveram como foco o período de transição entre os ciclos da Educação Básica, especificamente entre os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Para tanto, a abordagem metodológica envolveu uma revisão de literatura sobre o tema, seguido do relato de experiência.

A metodologia utilizada para esta revisão de literatura baseou-se em uma busca sistemática no Google Acadêmico, com o objetivo de identificar estudos relevantes sobre os desafios enfrentados por alunos na transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental. Para garantir a abrangência e relevância dos resultados, foram utilizadas palavras-chave como “transição escolar”, “ensino fundamental”, “psicologia escolar” e “adaptação acadêmica” associadas a operadores booleanos e a estratégia de busca priorizou artigos publicados nos últimos dez anos, especificamente entre os anos 2014 e 2024.

Os critérios de inclusão abrangeram estudos que tratavam especificamente da transição entre os ciclos do ensino fundamental, o impacto emocional e social dessa mudança e o papel do apoio pedagógico e familiar na adaptação dos alunos. Foram considerados apenas artigos, dissertações e teses disponíveis em português e em textos completos, de modo a viabilizar uma análise detalhada de cada referência selecionada. Por outro lado, os critérios de exclusão eliminaram trabalhos que abordavam apenas a transição de ciclos não correspondentes ao ensino fundamental, artigos em idiomas diferentes do português, e estudos sem acesso completo ao texto, uma vez que a análise completa dos documentos era necessária para uma revisão consistente. Assim, ao finalizar a busca, foram identificadas 6 produções científicas. Os 6 trabalhos encontrados foram organizados analisando-se as seguintes categorias: a) tipo de produção; b) processo de transição; c) relação família, professores e gestão; e d) relação entre pares.

5. TRANSIÇÃO ENTRE CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A transição entre os ciclos do ensino fundamental é uma das três grandes transições existentes na Educação Básica brasileira. Sendo carregada de mudanças e transformações educacionais, ambientais, sociais e o desenvolvimento da infância para a adolescência, em que ocorrem alterações biológicas, cognitivas e emocionais nos educandos. Desse modo, compreender os impactos desse processo é de grande importância para a escolarização e aprendizagem dos envolvidos, visto que podem dificultar a adaptação e permanência dos estudantes no percurso escolar e educacional.

Nesse período, os estudantes enfrentam mudanças na organização escolar, especialmente pela troca de um único professor por múltiplos docentes, cada um com seu estilo e exigências específicas. O que pode gerar insegurança e ansiedade nos estudantes que, habituados a um ambiente com maior acompanhamento por parte dos professores, o relacionamento entre eles torna-se mais impessoal (PAULA *et al.*, 2018) e esses estudantes passam a ter mais responsabilidades e autonomia na rotina educacional. Contudo, em uma pesquisa de Cassoni (2017, p. 206) feita com estudantes do 6º ano, indicou que as crianças que consideravam positivo a presença de mais de um docente, apresentaram maiores médias nas variáveis de habilidades sociais, autoconceito, satisfação com a vida e monitoramento parental.

Outro aspecto a ser levado em consideração é que os alunos estão passando pelo desenvolvimento da infância para a adolescência e essa transição envolve uma mudança

cronológica e comportamental na construção de ressignificações onde se espera comportamentos mais maduros destes indivíduos (REIS; NOGUEIRA, 2021). Essas mudanças influenciam na vida do adolescente trazendo implicações em todas as áreas, inclusive na escolar que, com as mudanças associadas ao contexto do novo ambiente educacional, contribuem para fazer da transição um momento especial e desafiador para esses pré-adolescentes do 6º ano (AZEVEDO, 2017).

Além da mudança na estrutura educacional, esse processo vem acompanhado de uma mudança de instituição de ensino que pode ocasionar sentimentos de perda e distanciamento por parte dos alunos, já que a rede social até então formada, pode ser afetada e até mesmo desfeita. Esses sentimentos são frequentemente acompanhados por dificuldades em estabelecer vínculos com novos professores e colegas, especialmente quando a transição é marcada por um aumento nas exigências acadêmicas (AZEVEDO *et al.*, 2017). A experiência de ser tratado como um “novato” dentro do próprio ciclo escolar pode ser desafiadora, o que impacta de forma negativa no envolvimento escolar e contribui para um desempenho acadêmico reduzido. Este contexto mostra a necessidade de apoio emocional e pedagógico durante essa fase para minimizar o impacto negativo dessa transição, destacando a importância da escola em atuar como mediadora nesse processo (FERREIRA, 2018).

O apoio da família tem um papel fundamental no acompanhamento da vida escolar das crianças e adolescentes, especialmente durante esse processo de transição para uma nova etapa escolar e durante o desenvolvimento de cada fase do estudante. O acompanhamento familiar e a atenção às dificuldades enfrentadas por esses estudantes no novo ciclo, desempenham aspectos positivos no percurso educacional (REIS; NOGUEIRA, 2021). Nesse sentido, a atuação conjunta da família, do professor e da escola é essencial para proporcionar um ambiente de suporte que promova a confiança e o engajamento do aluno. O apoio pedagógico oferecido pela escola deve ir além do ensino formal, integrando atividades de acolhimento e estratégias de orientação que facilitem a compreensão das novas expectativas e ajudem os estudantes a desenvolverem as habilidades necessárias para lidar com as demandas do novo ciclo. A presença de uma estrutura de apoio é capaz de minimizar os impactos negativos dessa transição, reduzindo o estresse e fortalecendo a autoestima dos alunos, que se sentem mais seguros para enfrentar os desafios do 6º ano (PAULA *et al.*, 2018).

Como já apontado, um outro fator que influencia negativamente nessa transição entre ciclos do ensino fundamental que, conseqüentemente, exige a mudança de escola, é a separação entre pares e o receio de que encontrem dificuldades na construção de novas relações de amizade. Referente a isso, Azevedo (2017, p. 24) aponta que “para esses

discentes, a construção de amizades torna-se um fator extremamente importante no sentido de se sentirem confortáveis e confiantes no novo ambiente escolar”. Maia, Soares e Monteiro (2020, p. 5) também destaca a importância da criação de laços entre colegas para o socioemocional dos alunos: “... a aceitação pelos pares torna-se importante para a construção do conceito sobre si mesmo, para seu desenvolvimento, ampliando sua capacidade de considerar pontos de vistas diferentes, criando oportunidades de relações indispensáveis para a ampliação das habilidades sociais”.

Por se tratar de um momento de grande importância na vida da criança e do adolescente em que passam por mudanças em vários aspectos de suas vidas, a escola e a família precisam acompanhar de perto essa passagem e criar estratégias para que o percurso e a permanência dos estudantes nas escolas não sejam afetadas, visto que a falta de assistência adequada durante esse processo pode ocasionar evasão (AZEVEDO, 2017) e abandono escolar.

6. RELATO DE ESTÁGIO

O estágio foi realizado em uma Escola Municipal de Maceió, situada em um bairro de classe média da cidade, que atende cerca de 990 alunos das etapas de formação de Ensino Fundamental - Anos Iniciais e EJA - Educação para Jovens e Adultos. A escola tem como missão promover uma educação inclusiva e de qualidade, focando no desenvolvimento integral dos estudantes.

O objetivo principal do meu estágio foi observar e participar da prática profissional da psicologia escolar, contribuindo para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e promoção do bem-estar dos estudantes. Além de me conscientizar sobre as particularidades do ambiente escolar e suas implicações no desenvolvimento dos alunos.

Durante o estágio, estive envolvida em diversas atividades, como palestra sobre dignidade menstrual, oficina sobre setembro amarelo, projeto sobre *bullying* “*Bullying, vamos mudar de atitude!*” e planejar uma intervenção sobre a transição entre ciclos educacionais do ensino fundamental. Além de outras demandas espontâneas que surgiram durante o estágio.

A relevância do estágio para minha formação em Psicologia é indiscutível, pois me permitiu aplicar teorias estudadas em situações reais, além de me proporcionar uma visão mais clara sobre as possibilidades de atuação e os desafios enfrentados pelo psicólogo escolar no ambiente escolar.

A escolha da intervenção sobre a transição escolar entre ciclos do ensino fundamental foi por entender a importância de trabalhar neste momento, considerando-se que é um período de muitas mudanças que geram expectativas e angústias nos indivíduos. Ao ingressar no Ensino Fundamental II, os estudantes têm que lidar com novas rotinas, demandas, estrutura curricular, novos colegas e professores e o aumento das responsabilidades e da autonomia.

Pensando nos principais fatores desse processo de transição, a intervenção foi dividida em três etapas: uma reunião com pais e responsáveis, uma oficina com cada turma do 5º ano e uma visita de ambientação.

7. RESULTADOS E DESAFIOS

A primeira etapa da intervenção, a reunião com pais e responsáveis, teve como objetivo promover a participação dos pais no processo de transição, oferecendo informações e recursos para que pudessem apoiar seus filhos. Por entender a importância do envolvimento e acompanhamento destes no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Promovemos um encontro com os pais e responsáveis dos estudantes para discutir o quanto é importante a comunicação e apoio durante a transição. Eles foram incentivados a conversar com os filhos sobre suas expectativas e sentimentos.

A reunião com pais/responsáveis dos/das alunos/as do 5º ano, ocorreu dia 13 de setembro de 2024, e compareceram cerca de 50 pais. Iniciou-se o encontro com a apresentação da psicóloga e das estagiárias e o intuito do encontro. Logo depois, foi feita uma dinâmica de atribuição de qualidades entre pais/responsáveis e filhos em que eles tinham que falar um para o outro três qualidades ou o que mais gostavam um do outro. Essa dinâmica tinha como objetivo trabalhar a afetividade nessa relação.

Após a dinâmica, discutiu-se sobre as mudanças e dificuldades enfrentadas durante a transição do primeiro para o segundo ciclo do ensino fundamental e a importância da participação ativa da família nesse processo, com algumas orientações do que eles podem fazer para amenizar os impactos negativos que a transição tem sobre o desenvolvimento escolar e emocional de seus/suas filhos/as.

A família e a escola possuem papel muito importante no desenvolvimento e formação dos estudantes. A instituição tem o dever de integrar a família no ambiente escolar, a fim de estabelecer uma relação harmônica entre a instituição de ensino e a instituição familiar. Contudo, o não envolvimento dos pais na vida acadêmica/escolar dos filhos, principalmente durante a transição do 5º para o 6º ano, pode causar consequências como baixo rendimento

nas atividades escolares (SANTOS, 2020) e a evasão escolar. Ponto apontado também por outros autores como Oliveira & Marinho-Araújo (2010) que afirmam a grande influência das práticas parentais no processo de aprendizagem dos estudantes e na fase de transição escolar.

Portanto, o envolvimento das famílias na educação formal de seus filhos aumenta o desempenho do aluno e diminui as taxas de abandono escolar (RIOS, 2020). Contudo, a falta de envolvimento, como também apontado por Rios (2020, p. 82) “pode gerar nos aprendizes um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento, causando inclusive condutas caóticas e de baixo rendimento, as práticas parentais coercitivas também resultam em baixo rendimento.”

A segunda etapa foi a oficina “Prepare-se para o 6º ano”, planejada a partir de atividades lúdicas e reflexivas como: discussão sobre o tema, perguntas e respostas, conversa sobre expectativas e ansiedades e criação de desenhos. Essa oficina teve como objetivo esclarecer dúvidas, expectativas, anseios e desenvolver habilidades importantes. Além de promover uma adaptação mais tranquila e bem-sucedida dos alunos para esse processo de transição do 5º para o 6º ano do ensino fundamental.

Para essa oficina, foi promovido um momento de discussão e esclarecimento de dúvidas sobre a transição e de externalização das expectativas e angústias para o novo ciclo educacional através de conversa e mediação estética. Inicialmente, estava prevista a execução da atividade apenas nas duas turmas de quinto ano do turno vespertino, horário da prática do estágio, no entanto, achou-se importante fazer com as turmas do matutino também. As oficinas foram feitas por turma, separadamente, para ter uma discussão mais aprofundada sobre o tema e por entender que os alunos se sentiriam mais tranquilos para externar suas expectativas e ansiedades.

Iniciou-se com uma breve introdução sobre a transição para o 6º ano, suas mudanças e novidades, logo após, a turma foi estimulada a falar com as seguintes perguntas disparadoras: “Quais são as expectativas e ansiedades que têm para o 6º ano?” e “Como vocês imaginam que será esse novo ciclo?”. A partir disso, foi solicitado que eles produzissem um desenho e/ou escrita de como eles imaginam que será o sexto ano, pensando em aspectos como a escola, as relações com professores e colegas. Após a finalização, foi feita a partilha das produções e como se sentem sobre esse processo de mudança. A atividade continuou até que todos que se sentiram confortáveis em partilhar pudessem falar. Já seguindo para a finalização da oficina, foi distribuído para os participantes, um folheto com dicas de estudo e organização para ajudá-los durante esse processo de transição e também para incentivá-los a criar uma rotina a partir de suas realidades. Finalizou com o informe da visita guiada a uma escola

estadual para terem uma experiência de como será o 6º ano e agradecendo pela participação e compartilhamento.

A oficina “Prepare-se para o 6º ano” realizada com os(as) alunos(as) do último ano do ensino fundamental - anos iniciais, ocorreu primeiro na turma do 5º ano C, turno vespertino, no dia 13 de novembro de 2024 e posteriormente nas turmas do 5º A e 5º B, matutino, e 5º D vespertino, respectivamente, no dia 18 de novembro de 2024. A partir das oficinas, foi construída uma tabela com as falas dos estudantes para nos ajudar com a análise dos conteúdos. A tabela 1 reúne as respostas dos estudantes à pergunta “Quais são as expectativas e ansiedades que têm para o 6º ano?”.

Tabela 1 - Expectativas dos estudantes para o 6º ano

Quais são as expectativas e ansiedades que têm para o 6º ano?	
5º A	“Vou ficar triste” “Vai ser difícil” “Vou sentir falta dos meus colegas” “Aprender coisas novas”
5º B	“Vou conhecer pessoas novas” “Vou ficar triste e com raiva” “Estou com medo” “Difícil”
5º C	“Estou ansiosa para Matemática” “Conhecer meninas bonitas” “Acho que vai ser ruim” “Ruim e mais difícil”
5º D	“Mais matérias” “Vai ser chato”

“Vou sentir saudade dos meus amigos”

“As aulas mais difíceis”

Fonte: autoria própria

A partir dessas respostas e das produções feitas pelos(as) estudantes podemos observar que, para eles(as), a mudança para o sexto ano vem carregada de sentimentos e expectativas negativas, principalmente, quando se refere a separação de seus colegas, visto que terão que mudar de escola pois a que estudam atualmente só vai até o 5º ano do ensino fundamental. No entanto, alguns trazem pontos positivos desse processo como “conhecer pessoas novas” e “aprender coisas novas”. No decorrer da discussão, alguns demonstraram sentimento de indiferença com relação à mudança para o sexto ano, no entanto, no momento da partilha dos desenhos, suas falas mostraram preocupação e medo por perderem seus amigos e colegas ao mudarem de escola.

Além dessas respostas, trouxeram dúvidas sobre as mudanças que acontecem do 5º para o 6º ano relacionadas a escola, a estrutura curricular e a distribuição dos professores e disciplinas, o que demonstra uma falta de conhecimento de como serão as mudanças e diferenças no novo ano escolar.

Para a última etapa da intervenção sobre a transição entre os ciclos do Ensino Fundamental, realizou a visita de ambientação em uma escola dos anos finais do ensino fundamental com o objetivo de proporcionar um contato prévio com o novo ambiente escolar, diminuir o medo do desconhecido e esclarecer dúvidas sobre horários, rotinas e funcionamento da escola.

A mudança de escola no processo de transição do quinto para o sexto ano do ensino fundamental pode ter um impacto significativo no desenvolvimento acadêmico, social e emocional do aluno. Geralmente, as escolas de segundo ciclo são maiores e, conseqüentemente, com maior número de alunos. O que pode gerar um sentimento de insegurança por parte dos alunos transicionais, que serão os menores nesse novo ambiente escolar.

Para que a adaptação escolar seja um processo tranquilo deve haver o envolvimento dos pais, da rede de amigos e dos profissionais da educação, além da capacidade do aluno de lidar com os novos desafios. Quando bem acompanhada, a mudança de escola pode resultar em um desenvolvimento mais autônomo, mais maturidade e maior capacidade de adaptação a novas situações.

Conhecer a nova escola antes da transição do quinto para o sexto ano pode desempenhar um papel fundamental no sucesso da adaptação do aluno a esse novo ambiente. Antecipar essa mudança e dar ao estudante a oportunidade de explorar a escola com antecedência pode facilitar o processo de integração. Conhecer as salas e outros ambientes da nova escola, pode ajudar a diminuir o medo do desconhecido.

O psicólogo escolar enfrenta alguns desafios em sua prática profissional no ambiente escolar. Durante o estágio, pode ser percebido algumas dessas dificuldades como: sobrecarga de demandas e dificuldade na execução das atividades planejadas. Isso se deve também à sua atuação voltada aos processos educacionais e relacionais que acontecem na escola. Desse modo, a aplicação da oficina não ocorreu como planejado devido às demandas espontâneas que surgiam e devido ao calendário escolar. Portanto, foi necessário fazer a adaptação de acordo com a disponibilidade das turmas e da escola, assim como, a disponibilidade das escolas para fazer a visita.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do/a profissional de psicologia escolar está orientada ao manejo das diversas relações existentes dentro da escola, promovendo escuta e acolhimento, além de proporcionar um ambiente educacional positivo e integrador. Auxiliar e, de certo modo, preparar os/as estudantes para o processo de transição para o 6º ano, é uma das funções que o/a psicólogo/a.

Acredito que a intervenção trouxe contribuições importantes como a participação dos pais e responsáveis na vida escolar de seus filhos, estreitando a relação entre a família e a escola, a participação dos estudantes na intervenção e a atuação da(o) psicóloga(o) escolar.

Apesar de ter sido apenas uma oficina com cada turma, acredito que teve um impacto significativo em como eles vão olhar e lidar com esse processo e as demandas que irão exigir deles(as), a partir de reflexões sobre essas mudanças e de como elas são importantes para a continuidade de seus estudos. Além de desenvolver habilidades socioemocionais como a abertura para o novo, resiliência emocional e autogestão.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. A. M. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 2, 2008. disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000200020>>. Acesso em: 26 de out. de 2024.
- AZEVEDO, G. V. Construção de significados na transição escolar para o 6º ano do Ensino Fundamental. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. *Rev. Estudos de Psicologia (Campinas)*, e. 3, n. 27, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Manual de Implementação Escolar: Estratégia de Desenvolvimento Socioemocional. Brasília, 2021.
- EVANGELISTA, A. L. F.; AMARAL, A. F. Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino, da teoria à prática: uma revisão bibliográfica conceitual. *Rev. Psicol. e Saúde em Debate*, v. 3, n. 2, p. 62-73, 2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/112>. Acesso em: 23 de out. de 2024.
- FERREIRA, L. F. D. Um estudo sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do ensino fundamental: o caso da aprendizagem e do ensino de área e perímetro. 2018. Tese (Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018).
- GUZZO, R. S. L. et al. Psicologia e Educação no Brasil: uma visão da História e Possibilidades nessa Relação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. especial, p. 131-141, 2010.
- MAIA, F. A.; SOARES, A. B.; MONTEIRO, M. C. Status Sociométrico em Adolescentes na Transição para o Segundo Ciclo do Ensino Fundamental. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(2), p. 1-17, 2020.
- MARINHO, B. C. D.; LIMA, C. P.; ARAÚJO, T. M. S. Para uma história das contribuições teóricas da psicologia ao campo da educação escolar brasileira. *Revista Educare, João Pessoa*, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2020.
- MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. *In: _____*. (Org.). *Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção*. Brasília: Em Aberto, 2010. v. 23, n. 83, p. 17-35.
- MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? *In: MARINHO-ARAÚJO, C. M* (Org). *Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção*. Brasília: Em Aberto, 2010. v. 23, n. 83, p. 39-56.
- OLIVEIRA, C. B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v. 27, n. 1, p. 99-108. 2010. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CM3Hj6VLtm7ZMxD33pRyhkn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 31 de out. de 2024.

OLIVEIRA, P. V.; MUSZKAT, M. Revisão integrativa sobre métodos e estratégias para promoção de habilidades socioemocionais. *Revista Psicopedagogia*, v. 38, n. 115, São Paulo, 2021.

PAULA, A. P.; PRACI, F. C.; SANTOS, G. G.; PEREIRA, S. J.; STIVAL, M. C. E. E. Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate. *Revista Ensaios Pedagógicos*, v. 8, n. 1, p. 33-52, 2018.

PINTO, C. B. G. C. O processo de construção do conhecimento permeado pelas relações interpessoais professor-aluno. *Universitas Face*, v. 3, n. 2, 2006. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/face/article/view/47/95>>. Acesso em: 28 de out. de 2024.

REIS, L. M. da S; NOGUEIRA, M. de O. e. Transição para o ensino fundamental II: o que dizem as pesquisas brasileiras. *Linhas Críticas*, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, v. 27 (2021), e-ISSN 1981-0431.

RIOS, C. M. A. A transição do 5º para o 6º ano numa escola pública municipal de Salvador - BA: dificuldades dos estudantes, contribuições familiares e apoio escolar. 2020. 164 f. Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró -Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea, Salvador, 2020.

ROSAS, R. S. A psicologia escolar e a promoção de habilidades socioemocionais. *Revista Aquila*, nº 31. ano XV, 2024.

SANTOS, A. C. B. dos. Vivências docentes e a Transição Escolar dos alunos do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

SILVA, P. A. B.; JUNIOR, J. C. S. Psicologia escolar: reflexões sobre os desafios na atuação profissional. *Cadernos da FUCAMP*, v. 19, n.37, 2020.

VEBBER, F. C. Psicologia escolar: relato de uma experiência no ensino fundamental. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 194-207, 2013.

VIANA, M. N. Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar. *In*: FRANCISCHINI, R.; VIANA, M. N. (Orgs) *Psicologia Escolar: que fazer é esse?* Brasília: Conselho Federal de Psicologia, p. 54-73, 2016.